

## O MEDIATIVISMO DA IMPRENSA NEGRA: novos paradigmas no campo do jornalismo<sup>1</sup>

André Luís Oliveira de SANTANA<sup>2</sup>  
Universidade do Estado da Bahia, Salvador, BA

### RESUMO

Este texto é parte da pesquisa de doutoramento em andamento no Programa de Pós Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade do Estado da Bahia (PPGEL/UNEB) que pretende compreender a produção midiática de veículos jornalísticos antirracistas surgidos na internet a partir dos anos 2000, que se associam ao midiativismo e contribuem para promover questionamentos aos paradigmas legitimadores do jornalismo, como a objetividade e a imparcialidade. Como extrato representativo, destaca-se neste texto o veículo digital Correio Nagô, criado em Salvador em 2008, fruto de experiências de diálogo entre o jornalismo e o ativismo político realizado pelo Instituto Mídia Étnica, organização social fundada na capital baiana, em 2005. O Correio Nagô foi escolhido pela representatividade que construiu dentro do campo, pelo pioneirismo, longevidade, quantitativo de produções próprias e abrangência. Ao atuarem por meio de práticas inclusivas e participativas, que privilegiam fontes e pautas invisibilizadas nos discursos das empresas jornalísticas hegemônicas, as mídias digitais negras apresentam novas formas de produção, circulação e consumo, que dialogam com as transformações contemporâneas do campo comunicacional marcadas pelos avanços tecnológicos e pelos processos de mediatização. Diante da nova racionalidade inerente às tecnologias da informação (SODRÉ, 2016) e novas possibilidades de práticas jornalísticas a partir do ambiente digital (CANAVILHAS, 2004), esta pesquisa visa investigar as contribuições das mídias digitais negras ao campo do jornalismo. As possibilidades trazidas pelos avanços tecnológicos e pelo surgimento do ciberespaço (LEVY, 2007), oportunizaram o surgimento de veículos digitais identificados pelo discurso antirracista e de valorização da população negra. Herdeiros de experiências da imprensa negra (PINTO, 2010) e associados a movimentos de midiativismos, em uma disputa de narrativas com os

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 1 - Jornalismo do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 18 a 20 de maio de 2022.

<sup>2</sup> Doutorando em Estudos de Linguagem, PPGEL - UNEB, email: alosa2012@gmail.com

veículos tradicionalmente vinculados ao pensamento colonial moderno, construídos nas bases do positivismo, eurocentrismo, racismo e de uma racionalidade autolegitimadora. As mídias digitais negras constroem novas formas de vinculação entre fontes e audiências, por meio do acionamento dos afetos (SODRÉ, 2016), da valorização das subjetividades e do questionamento da imparcialidade. Esses veículos desenvolvem suas práticas jornalísticas a partir dos princípios da cibercultura e da convergência midiática, que são a conectividade, a inteligência coletiva e a cultura participativa. Essas mídias trazem para o tabuleiro dos embates discursivos midiáticos vozes da diferença, intelectualidades produzidas no âmbito das movimentações culturais, artísticas, sociais e políticas negras. Trazem para o campo do jornalismo novas possibilidades de abordagens, novas fontes e temáticas, em um reencontro com a função profissional de evidenciar o interesse público, denunciar violações de direitos e registrar as disputas de poder na construção da democracia e da cidadania. Como mostra dessas práticas foram observadas as produções jornalísticas realizadas pelo Correio Nagô, entre 2013 e 2018, sobre o Julho das Pretas, série de atividades organizadas pelos movimentos de mulheres negras para denunciar as intersecções entre racismo, machismo e capitalismo que oprimem triplamente esse contingente populacional. O Julho das Pretas foi criado no âmbito do fortalecimento dos discursos que buscam alertar para especificidades das reivindicações das mulheres negras em relação às pautas amplas do feminismo. Associado às celebrações pelo 8 de março (Dia Internacional das Mulheres) foi criado o Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha, celebrado em 25 de julho. No Brasil, o dia também é em homenagem à Tereza de Benguela, líder quilombola que resistiu à escravidão na região de Mato Grosso, no século XVIII. O Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra foi oficializado, por meio de lei sancionada pela presidenta Dilma Roussef, em 2014. Um ano antes, o movimento de mulheres negras já articulava ações ao longo de todo mês de julho. Nas coberturas jornalísticas realizadas pelo Correio Nagô ao longo dos seis anos do Julho das Pretas percebeu-se o empenho do veículo em destacar as vozes insurgentes, explicar a relevância da data e ampliar a diversidade de fontes, possibilitando que mulheres negras intelectuais, artistas, de religiões de matriz africana, da comunidade LGBTQIA+, em situação de rua, dos movimentos de juventude, entre outros segmentos, estivessem representados nas reportagens. Foi analisado ao menos

um conteúdo produzido em cada ano, entre matérias, agendas, entrevistas e videorreportagens vinculados no portal, no canal do youtube, na comunidade na plataforma Ning e nos perfis nas redes sociais Instagram e Facebook. Nestas produções, evidenciam-se as práticas de convergência midiática, de construção participativa e de ativismo do portal Correio Nagô. No diálogo com as equipes de profissionais, em sua maioria formada por mulheres negras e jovens, percebeu-se a busca pelo envolvimento na pauta em questão, desde a participação em reuniões de construção das atividades, a mobilização de público e de outros agentes midiáticos, à presença frequente em atos e marchas reivindicatórias. As produções foram investigadas a partir de categorias de análises tais como: linguagem, fontes, colaboração, convergência de mídias e objetividade jornalística.

São experiências que se enquadram na ideia de midiativismo (FREITAS, 2018), como sinônimo da comunicação comunitária e popular realizada por grupos que produzem iniciativas de comunicação inclusiva, representativa, participativa, colaborativa e coletiva, portanto, ativista. Além de combater as pressões do mercado dominado pelas grandes corporações de comunicação hegemônica, esses grupos oferecem visibilidade a questões antes invisibilizadas, atuando por meio de práticas culturais e discursos reivindicatórios dos grupos historicamente discriminados. O portal Correio Nagô, representativo dos veículos digitais da imprensa negra, é aqui observado como espaço privilegiado de percepção do processo de midiaticização das relações raciais, com as configurações midiaticizadas das pautas culturais, artísticas, sociais e políticas das comunidades negras. A partir das pesquisas que se debruçaram a entender as estratégias elaboradas por intelectuais negros - escritores, jornalistas, literatos e artistas- para participação nos debates nacionais, ao longo da história (PINTO, 2018) é possível afirmar o uso da imprensa como fundamental ao longo de todo o percurso de resistência das populações negras ao racismo no território brasileiro. São construções discursivas de resistência e possibilidade de inserção de narrativas contra hegemônicas na esfera pública política, espaço de constantes disputas por legitimação. As produções do Correio Nagô possibilitam refletir sobre os temas desta representação que se pretende ser uma contra narrativa aos discursos hegemônicos do jornalismo. O movimento de mídias alternativas ou midiativistas atuam em uma perspectiva que questiona a estrutura e o funcionamento dos meios de comunicação no Brasil e, ao mesmo tempo, constroem

produções e formas alternativas de comunicar, desta vez falando a partir daqueles segmentos sociais empobrecidos que não se enxergam muito bem na mídia tradicional (FREITAS, 2009). As possibilidades trazidas pelo jornalismo digital encontram um campo de exploração significativo nas novas posturas impressas pelo movimento de profissionais da comunicação empenhados em utilizar as práticas jornalísticas e o lugar de destaque social do jornalismo para denunciar o racismo e apresentar novas formas de abordagem da questão racial brasileira. A metodologia, de abordagem qualitativa, combinou o método histórico e o método teórico-conceitual dos estudos de caso. A produção do Correio Nagô foi analisada com atenção para as atuações e transformações ocorridas no campo ao longo da última década, desde o pioneirismo ao focar certos temas até a utilização das recentes estratégias midiáticas de disputas no campo comunicacional explicitadas no recorte escolhido do Julho das Pretas. A intenção é compreender como as narrativas produzidas por esse veículo impactam na visibilidade das temáticas e na participação destes agentes na esfera pública de visibilidade política. O tratamento teórico-conceitual inclui os estudos do jornalismo em redes digitais, estudos históricos da imprensa negra, além dos conceitos de mediação, recepção, audiência, fontes e esfera pública. Sodré (2016), ao sugerir o conceito de Estratégias Sensíveis, ressalta que as pesquisas e a produção do conhecimento no campo da Comunicação precisam observar a presença dos afetos, cada vez mais acionados pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC's). Destaca-se, então, que a imprensa negra baseia-se nas emoções, subjetividades, performances corporais e expressões do campo dos afetos que desaguam na necessidade de reconhecimento, inerente à condição humana. Este é um caminho teórico que privilegia o emocional, o sentimental, o afetivo e o mítico. A Teoria do Espelho (TRAQUINA, 2004) está intimamente ligada à legitimidade, à objetividade e à credibilidade do campo jornalístico e ao afastamento da subjetividade e dos afetos no ofício do jornalista. Contudo, nas novas abordagens de estudos do jornalismo percebem-se transformações nas últimas décadas, que impactam o ofício especialmente quando as novas rotinas jornalísticas incluem maior participação coletiva e interatividade com os públicos, que também atuam na produção. Os processos de mediação e a chegada de novos agentes como pólos de emissão implicaram novas condições de produção, circulação e reconhecimento para o discurso jornalístico. Neste sentido, grupos sociais

historicamente apartados das produções midiáticas, como as populações negras, passam pouco a pouco a interagir nas produções de conteúdos, especialmente nos espaços oportunizados pelas mídias não hegemônicas. Essa dinâmica altera um processo de exclusão que compromete a contribuição do campo jornalístico para a democracia. Em oposição às práticas racistas dos meios de comunicação, se configurou no país uma tradição de imprensa negra, de veículos comprometidos com a construção de narrativas contra hegemônicas, que encontraram nos avanços tecnológicos e nos meios digitais possibilidade de maior inserção e produção de outros discursos. Para Freitas (2018), como essa comunicação midiativista é organizada pela coletividade, transforma-se em movimento social e prática política. As mídias negras são, pois, discursos contra hegemônicos no campo do jornalismo e ferramentas de reelaboração e apropriação na produção de sentidos, incorporando novas vozes, perspectivas, reivindicações e afetos vindo dos movimentos sociais, artísticos e políticos antirracistas ao campo do jornalismo. Uma midiaticização afirmativa das potencialidades da diferença.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo digital; mídias digitais; midiativismo; imprensa negra; mídias antirracistas

## REFERÊNCIAS

CANAVILHAS, João. **Jornalismo na Web: Da Pirâmide Invertida à Pirâmide Deitada**. Universidade da Beira Interior. Aprender, Labcom, 2012.

FREITAS, Ricardo (Org.). **Mídia alter{n}ativa: estratégias e desafios para a comunicação hegemônica**. Ilhéus, BA: Editus, 2009. 304p.

FREITAS, Ricardo. **Midiativismo na Bahia: o caso do cinema de brodagem afroindígena e a rede de jovens de axé**. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; C MARA, Marco Túlio (orgs.). *Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática*. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. P. 399-415.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**; organização Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **Raça, o significante flutuante**. Tradução de Liv Sovik, em colaboração com Katia Santos. *Z Cultural*; Revista do Programa Avançado em cultura contemporânea. Ano VIII, n. 2, 2015. Disponível em: <http://bit.ly/Hall-Raça>.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Tradução: Daniel Miranda e Wiliam Oliveira. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016. Discurso, poder e o sujeito. p. 76-113.

LÉVY, Pierre. **A Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 6ª reimpressão, 2007.



MARCONDES FILHO, C. **Para entender a comunicação: contatos antecipados com a nova teoria.** São Paulo: Paulus, 2008.

MARTÍN-BARBERO, J. **Tecnicidades, identidades, alteridade: mudanças e opacidades da comunicação no novo século.** In: MORAES, D. (Org.). Sociedade midiaticizada. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 51-79.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos.** São Paulo: Summus, 2008.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Escritos de Liberdade – Literatos Negros, Racismo e Cidadania no Brasil Oitocentista.** Campinas: Editora Unicamp, 2018.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Imprensa Negra no Brasil do Século XIX.** São Paulo: Selo Negro, 2010.

ROSHANI, Niousha. **Discurso de ódio e ativismo digital antirracismo de jovens afrodescendentes no Brasil e Colômbia.** In Silva, TARCÍZIO (Org.). Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: Olhares afrodiaspóricos. São Paulo: LiteraRUA, 2020, p. 43-62.

SODRÉ, Muniz. **As Estratégias Sensíveis, afeto, mídia e política.** Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil.** Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo - questões, teorias e “estórias”.** 2ª edição. Lisboa: Vega, 1999.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são.** Florianópolis: Insular, 2004. 223p.